Brasil nega ter fornecido armas a Pastora

A notícia foi divulgada por uma rede nacional de televisão dos Estados Unidos

O Itamarati desmentiu ontem a notícia de que o Brasil estaria fornecendo ajuda ao líder anti-sandinista Eden Pastora, o comandante Zero, enquanto o general Otávio Luiz Resende, porta-voz do Ministério do Exército, afirmava desconhecer qualquer informação nesse sentido. A notícia foi divulgada em Washington por uma rede nacional de televisão norte-americana, que a atribuiu a "fontes seguras". Segundo o jornal "Washington Times", México e Venezuela seriam os outros países que, com suas armas e dinheiro, teriam permitido que Pastora reiniciasse a luta no Sul da Nicarágua, após uma suspensão temporária "por falta de fundos".

O porta-voz interino do Itamarati, Ricardo Carvalho, disse em Brasília que o Brasil não vende armamentos para nenhum governo ou movimento revolucionário da América Central. Acrescentou que isso seria incoerente com a política brasileira de apoiar o grupo de Contadora — México, Venezuela, Colômbia e Panamá —, que está tentando negociar uma solução política para a crise na América Central.

O general Otávio Resende disse que o Brasil adota a política de não-intervenção e de respeito à autodeterminação dos povos e, portanto, não deve estar participando do fornecimento de armas. Outro general consultado sobre o assunto foi mais incisivo: "O Brasil não entra nessa, de forma alguma. É mais um boato", disse ele.

Um colaborador de Pastora, Edgard Macias, disse ao jornal "Washington Times" que a Arde (Aliança Revolucionária Democrática) já recebeu nos últimos dias armas e equipamentos de México e Venezuela. A ajuda chegou à Costa Rica por via aérea e foi transportada por jipes e helicópteros para os acampamentos da Arde, localizados, segundo Macias, no Sul da Nicarágua.

Depois de anunciar dia 23 uma suspensão temporária na luta contra os sandinistas devido à falta de recursos, Pastora anunciou quinta-feira à noite, através de porta-vozes em Washington e San José, que reiniciaria a luta graças à ajuda de "amigos tradicionais que finalmente se convenceram de que é verdade que os Estados Unidos não estão colaborando com a Arde". Nos últimos dias, Pastora havia mencionado o dirigente social-democrata e primeiro-ministro português Mário Soares como um dos possíveis colaboradores.

Os porta-vozes de Pastora informaram que entre os que prometeram ajuda estão alguns dirigentes estrangeiros que fazem "jogo duplo, pois quando chegam a Manágua são recebidos até com beijos". A referência parece se dirigir às autoridades mexicanas, que já manifestaram várias vezes apoio aos sandinistas. Pastora estimou em pelo menos 1 milhão de dólares por mês a quantia necessária para que continue a combater os sandinistas. Informou que aceitará a ajuda dos Estados Unidos, "desde que não haja condições".

A Arde, de Pastora, atua no Sul da Nicarágua e até agora rejeitou qualquer tipo de aliança com a Frente Democrática Nicaraguense (FDN), integrada por ex-oficiais somozistas e que opera no Norte, junto à fronteira de Honduras. Justamente porque a FDN tem em sua direção vários somozistas é que Pastora vem rejeitando qualquer tipo de aliança com a organização, bem melhor organizada e financiada do que a Arde.

Além da pressão militar em suas fronteiras, o governo sandinista enfrenta também uma "ofensiva de paz" lançada por um importante grupo de exilados.

Gamma

Pastora disse precisar de 1 milhão de dólares por mês para seguir lutando